

## LIMINARIDADE POÉTICA E IMAGINÁRIO INSTITUINTE: a formação épica do discurso em Latinomérica, de Marcus Accioly

Prof. Dr. Ricardo Soares da Silvai<sup>i</sup> (UEPB)

### **Resumo:**

*O presente trabalho tem como finalidade a apreciação da épica contemporânea, com o escopo da organização do “pensamento liminar” que se instaura numa outra consciência de localização: o “estar/sentir-se entre duas ou mais cosmovisões de perspectivas conflitantes” (MIGNOLO, 2003). Nessa medida, a publicação Latinomérica (2001), de Marcus Accioly, compreende elementos estéticos e socioculturais que permitem a revalidação da epopeia na Contemporaneidade (NEIVA, 2009), através de novos interlocutores, permitindo que “estética” e “política” se concatenem numa “formação épica do discurso” (VASCONCELOS; RAMALHO 2007). A obra se apropria do acúmulo das formas épicas como catalisador de tradições, paradoxalmente afirmando/negando a memória literária e, especificamente, construindo os artifícios para a inserção de seu evento no influxo desse conhecimento e, por extensão, à própria América Latina.*

### **1 Introdução**

Marcus Accioly publicou *Latinomérica* em 2001. Produto de um projeto estético levado à maturidade, a obra estabelece uma orientação topológica que, embora tenha se constituído a partir da tradição épica, transforma-a para marcar uma posição contraposta a seus códigos, relativizando-os a partir de seu lugar de enunciação. A obra oferece-nos uma farta referência erudita que, sem desconsiderar o manancial popular, atravessa toda a memória ocidental, desde Homero – como a denominação de seu título já evidencia.

Assim, *Latinomérica* direciona as coordenadas de sua apreciação: de um lado, temos as memórias latina e grega, cujo peso adjetivo compõe um conduto temporal, ligando-o a uma origem conhecida da Tradição; de outro lado, um espaço vasto e Heterogêneo (a América Latina), cindido entre uma História oficial e outras potencialidades históricas a serem exploradas.

### **2 Latinomérica: uma épica contemporânea**

Na formação da palavra *Latinomérica*, um embate de substratos culturais é sugerido no agrupamento dos vocábulos, conforme – pela supressão do hífen – são assimiladas culturas espaço-temporais distintas. A composição designa, simultaneamente, um conflito e uma

cooperação através da supressão do a de América e evocando, sobremaneira, um legado homérico quando também se considera o **h** suprimido, com a possibilidade dessa outra aceção, alargando consideravelmente o campo semântico do *neologismo*.

Podemos estimar que as elisões fortalecem a parcialidade dos lugares de enunciação, à medida que ratificam a versão da Tradição homérica, que é a tradição ocidental, amparada na reivindicação do outro legado histórico, o da América Latina, que é a reivindicação das margens, por conseguinte.

Tal ambivalência assume uma posição enunciativa, ao mesmo tempo política e estética, de tal modo que podemos chegar à “configuração-chave de um *pensamento liminar*”; o que, de acordo com W. Mignolo (cf. 2003: 126), pressupõe um conceito lógico de um locus dicotômico de enunciação, que reside historicamente nas fronteiras – internas e externas – de um sistema consolidado de relações, pela motivação do **estar/sentir-se entre cosmovisões de perspectivas conflitantes**.

Mignolo concebe que a perspectiva latino-americana estimula a construção de *macronarrativas*, que não fazem apenas a contraposição do imaginário hegemônico, mas são capazes de instaurar “uma ruptura radical com tais projetos globais” (Mignolo, op. cit., 47-8), através de “narrativas acionadas pela busca de uma lógica diferente”, deslocando-se do *universalismo abstrato* para a alternativa de uma trama histórica em **múltiplas hegemonias locais**.

*Latinomérica* é uma obra que se insere nessa perspectiva, porque sua localização e a posição autoral – latino-americana e brasileira – em relação à tradição épica visa ao aproveitamento dos artifícios literários para a articulação de uma emancipação intelectual.

Assim, *Latinomérica* expressa uma atitude que, não se opondo exclusivamente à memória épica, dialoga com esses textos e, ainda, outras epopeias e autores do século XX – como Pessoa, Neruda e Pound, principalmente – legitimando-se ante os códigos consignados pela cultura ocidental.

Podemos conferir a ambivalência (ou liminaridade) referida na última estrofe do poema *Calíope*, passagem pintada de modo a estabelecer paralelismos que vão sendo articulados num exercício de contrastes:

(América) meu canto sabe o erro  
de procurar ser voz onde ele é grito  
(ou qualquer se engajar quando de berço  
veio à luta engajado por destino)  
contra a vidraça (pássaro-de-ferro)  
ele estraçalha o vidro com seu bico  
para que a luz (em sua transparência)  
não tenha nem do vidro a resistência  
(LA, III: 46).

A própria América, em vocativo, faz a interlocução da emissão lírica, assumindo um **engajamento trágico**, porque de berço, que sabe o erro de às vezes estar mais desesperado (pelo grito) do que, tranquilamente, empregando o turno de um diálogo proveitoso. Isso acontece porque, aqui, não compete a uma escolha, mas ao destino: traçar esse itinerário cognado ao do Continente. Porquanto o resistir e o lutar confirmam um trajeto da diferença como um percurso afetivo da linguagem e não como uma ilustração ornada de sectarismo.

Defrontamo-nos, pois, com o canto de um *pássaro férreo* que consegue com o bico eliminar o mais diáfano dos obstáculos (o vidro), abrindo passagem a novos voos. E, com sua dura substância, marcar o absurdo entre a consistência de sua determinação (pássaro-de-ferro) e a leveza projetada num arroubo libertário ao encontro de uma luz ilimitada. Essa imagem de liberação do pássaro ao encontro da luz conota uma aquisição do conhecimento como abertura à autonomia intelectual.

Nessa medida, admitimos que na poética de Accioly existe uma articulação épica entre **reminiscência e esperança**, na qual o passado confirma uma tradição do desejo emancipatório como qualidade local, na América Latina. Nesses termos, *Latinomérica* é uma macronarrativa de perspectiva latino-americana que não faz simplesmente uma crítica à hegemonia da razão; mas, em contrapartida, agencia o estímulo à *razão do Outro*, pela desarticulação discursiva de caráter universal.

Os interstícios da pertença latino-americana apelam para um modelo que convoca e renuncia à tradição, pelo exaustivo trabalho de negociar com o imaginário ocidental, mantendo, aí, o que dele é fundamental para sua elaboração subjetiva e localização no mundo.

O panorama global serve, aqui, para ilustrar o fato de que dentre as necessidades identitárias de afirmação, confirmação ou reafirmação, emergem aquelas consideradas *instituintes*, porque estão na iminência de se tornarem validadas de forma mais concreta.

### **3 Identidades instituintes em uma literatura engajada**

Para Castoriadis (1987: 233-51), as significações imaginárias das sociedades “não correspondem a e não se esgotam em referências a elementos racionais ou reais”, já que o imaginário, para ser instituído, necessita de um sistema de significação, da elaboração à recepção, que ampare o seu processo.

Somente a partir da percepção de si em relação ao mundo como ato de criação, é que se dissemina a *consciência da instituição* como possibilidade também de se instituir!

Apresentando algo de iminente, as significações imaginárias constituem uma potência da sociedade instituinte como “autocriação que se desdobra como história”. Mesmo que redescoberto, remodelado e, sobretudo, reinterpretado o antigo, o novo surge como desejo de autonomia que, segundo Castoriadis, “pode questionar-se e igualmente questionar em voz alta”, uma vez que as velhas ordens de longe simbolizadas e fundamentadas em suas origens não são mais capazes de atender a essa insurgência do Ser, “de um novo tipo, capaz de questionar as próprias leis de sua existência”.

Nesse sentido, Castoriadis termina concluindo que as possibilidades do imaginário social são, não obstante as investidas do institucionalizado em se preservar, as de uma ação política “visando a uma nova instituição da sociedade, realizando plenamente o projeto de autonomia”.

Logo, a condição latino-americana se consolida enquanto comunidade de parentesco por um painel mínimo de confluência histórica, memórias comuns, que permite seu enlace político. É, sobretudo, quando estão enfatizadas as heranças coloniais e pré-colombianas que se confirma a construção dessa identidade (instituinte), que ainda agrega a reciprocidade do sentimento antiimperialista.

Baseando-nos nessas considerações, surge o questionamento da **liminaridade poética** associada ao **imaginário instituinte** na obra *Latinomérica*: como os atributos *grandiloquentes* da epopeia podem ornar com pertinência as conquistas e proezas da Modernidade, ou da América Latina, se a própria unidade de sentido já fora desconstruída e o tema da identidade se apresenta cada vez mais descentrado daquilo que o gênero épico historicamente exacerbou?

A resposta à indagação talvez consista numa adaptação ou mesmo numa inversão dos recursos formais clássicos para o contexto periférico das colônias pós-independentes, em especial o Brasil.

Notadamente, a evolução do gênero épico e a de sua apreciação crítica são pormenorizadas em célebres dicionários literários e enciclopédias europeias, notificando expressamente que **o gênero épico entrou em declínio com o Romantismo**.

A marca desse declínio é, contudo, providencial para uma comparação intercultural (Brasil / América Latina / Europa) pela literatura, pois enquanto os países europeus se formavam – política, social, econômica e linguisticamente – o gênero épico serviu para representar a formação de suas pátrias; mas no período romântico, assistimos ao levante dos povos e nações insurgentes, a partir de suas Independências.

Parece mais do que curioso que todos os verbetes convirjam para o mesmo esclarecimento sobre o desenvolvimento e declínio do gênero épico, na medida em que escritores da América Latina tenham se dedicado a obras que podem ser apreciadas como verdadeiros épicos, quando mesmo modalizando o discurso literário, contrariando, assim, a hipótese do anacronismo. Ou seja: **o gênero épico existiu em proveito das pátrias europeias, mas tornou-se anacrônico quando do agenciamento das colônias europeias?**

O conteúdo colonialista das épicas clássicas transformou-se na fundamentação discursiva das épicas modernas, que ora agenciam a emancipação intelectual e a consequente descolonização cultural, sobretudo após o Romantismo e no século XX.

Se a fábula das origens, a formação das identidades, os heróis e as genealogias estão todas narradas nas grandes epopeias, parece certo tratar-se tanto mais de uma espécie anacrônica quanto mais se fale em epopeia moderna.

Apesar das investidas dessa linha de raciocínio, parece que “o gênero sobreviveu à passagem de seu cortejo fúnebre” e muitos autores estão revisando as memórias de seus espaços afetivos (NEIVA, 2003) no intuito não só de resistirem à instituição moderna (ou ao sistema colonial moderno), mas de cantarem a coletividade desprezada.

Dessa forma, subjaz a ideia de que há na constituição do gênero épico uma “vocação” para o arrefecimento, mas não para sua extinção. Não obstante o abrandamento, a épica moderna é um fato literário legítimo que ainda não atingiu sua plenitude, uma vez que vem acumulando sérias restrições críticas apesar de seu alcance, que perfaz todo o campo intelectual a que se vincula, da tradição    vanguarda; da produção    recepção.

## Considerações finais

A despeito da produção de escritores, pesquisadores e leitores nesse campo, as epopeias modernas são concebidas como: “poemas longos”, “narrativas épicas”, “epopeias líricas”, entre outros artifícios que as situam entre a desconfiança, o descrédito e uma parcial aceitação, mas que não orienta a concepção de seu valor artístico, porque tampouco a

compreende noutro sistema de classificação senão a da confirmação do atraso em relação às antigas épicas da Europa.

Essa concepção se deve ao fato de que (VASCONCELOS, 2007: 46):

A proposta de Aristóteles, tomada inadvertidamente como uma teoria do discurso épico, instituiu a manifestação épica clássica como padrão teórico para o reconhecimento de todas as manifestações do discurso épico, contribuindo, em parte, para a perda da perspectiva crítico-evolutiva da epopéia. A formulação aristotélica restringe-se à epopéia grega, de modo que sua aplicação indiscriminada, através dos tempos, impossibilitou o reconhecimento de epopéias legítimas fora do âmbito clássico.

Portanto, a matéria épica de Latinomérica tem como proposição a dimensão da realidade histórica encadeada pelas reminiscências da consciência lírica através do relato. A dimensão mítica compreende a representação como o resultado da superposição de imagens e referências aderentes à narrativa, pela visão de mundo dada no tratamento que a expressão subjetiva do eu-lírico/ narrador concede ao conteúdo.

Assim, o foco do poema incide sobre o plano literário, no que diz respeito à contextualização e às referências textualizadas, pois elas permitem a participação plena do eu-lírico/narrador no mundo narrado, articulando o plano histórico pós-colombiano e o plano mítico pré-colombiano como matéria simbólica para uma sociopoética no contexto atual.

## **Referências Bibliográficas**

ACCIOLY, Marcus. **Latinomérica**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de Mitos Literários**. 2 ed. [Tradução de Carlos Sussekund et al.] Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. O Imaginário: a criação no domínio social histórico, in. **As Encruzilhadas do Labirinto: os domínios do homem**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 2004.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NEIVA, Saulo. Luto das Origens e Poesia Épica, in. JOACHIM, Sébastien (Org.) **Colóquio Internacional O Luto das Origens: O Espaço-Tempo em Literatura e Ciências**

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Semiotização Literária do Discurso**. Rio de Janeiro: Elo Ed, 1984.

VASCONCELOS, Anazildo; RAMALHO, Cristina. **História da Epopéia Brasileira: teoria, crítica e percurso**. v. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

---

<sup>i</sup> ricardosoares@ceduc.uepb.edu.br